

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC)

Esperança em um futuro melhor

História de [Elisabete Freitas dos Santos](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 01/10/2013

Correios – 350 anos Aproximando Pessoas
Depoimento de Elisabete Freitas dos Santos
Entrevistada por Rosana Miziara
Iratapuru, 30/07/2013
Realização Museu da Pessoa
HVC075_Elisabete Freitas dos Santos
Realização Museu da Pessoa
Transcrito por Cristiane Costa

P/1 – Beth, você pode falar seu nome completo, local e data de nascimento?

R – Meu nome é Elisabete Freitas dos Santos, nasci no dia 07 de julho de 1962.

P/1 – Aonde?

R – Aqui, no Rio Iratapuru, numa colocação chamado Abacate.

P/1 – Aonde?

R – Numa colocação chamada Abacate, no Rio Iratapuru.

P/1 – O que é que é colocação?

R – Colocação é um castanhal, é um castanhal que o nome da localidade é colocação que dá, aonde que a pessoa fica colocada lá, faz o barraco, aí é colocação, porque a pessoa é colocada lá.

P/1 – Sua mãe estava lá?

R – Estava, quem me pegou foi até a tia dela.

P/1 – Você nasceu de parteira?

R – Foi.

P/1 – A tia dela era parteira?

R – Era. Aí, foi, eu nasci lá, que é município Laranjal do Jari, estado do Amapá.

P/1 – E sua mãe é aqui, dessa região?

R – A mamãe na verdade, ela é de Gurupá, mas quando ela veio de lá ela era menina, ela disse. Gurupá é aqui perto de Macapá, é entre o Pará e o Amapá. É aqui pertinho de Macapá. Então, é das ilhas, as ilhas, assim, palafita, assim, onde a água entra, que eles chamam várzea, que a água entra e sobe, todo dia, na beira do Amazonas. Ela é de lá só que ela veio para cá menina e casou para cá, ela disse. Ela casou para cá com o meu pai, o meu pai também ele...

P/1 – E seu pai é de onde?

R – Eles eram tudo os dois de lá.

P/1 – De Gurupá?

R – De Gurupá.

P/1 – E seus avós maternos e paternos?

R – Eram de lá também.

P/1 – Tudo de Gurupá?

R – O meu avô era de lá, a minha avó também era de lá.

P/1 – Você sabe o quê que os seus avós por parte de pai faziam?

R – Por parte de pai ele disse que tirava açai e madeira, porque eles moravam nessa área de várzea, que a água desce e sobe, que não é terra firme, é onde a água sobe e desce e todo dia. Aqui, no nosso caso, é baixão que a gente chama, a água só de inverno que cresce e de verão baixa, mas, lá para ilhas onde eles moravam não, lá é água direto, porque todo dia tem a maré, a água sobe e desce. Eles trabalhavam assim, com madeira, tirando açai, camarão. Era isso.

P/1 – Você conviveu com eles?

R – Não, não convivi com eles. Eles que contavam, o papai que contava porque eu...

P/1 – E por parte da sua mãe?

R – Por parte da mamãe eles moravam aqui, por ela se criou já para cá com eles, veio para cá com eles e se criou lá dentro, para lá, para cima do Abacate, em outra colocação, onde eu estou falando, em Castanha. Eram várias colocação, tinha mais de 40 colocação de gente morando, cada uma família morava numa colocação. Cada uma família morava numa colocação, distância de meia hora. Aí, ia embora, vinte minutos, de duas horas, as colocações de um lado e do outro do rio Iratapuru. O meu avô morava lá, numa colocação chamada Boa Sorte.

P/1 – E você sabe como o seu pai e sua mãe se conheceram?

R – Olha, eles me falaram que eles se conheceram aqui, porque ela veio para cá e ele também. Aí, quando ela era menina, ele veio tirar balata, ele tirava balata aqui para cima e castanha, para o rio Jari. Aí, lá eles se conheceram e, aí, se casaram. Assim que eles falaram. Se casaram já aqui, no rio e eles iam para lá, tirar balata na época.

P/1 – Eles vieram morar aqui nessa comunidade?

R – Era, eles iam para lá, para o Jari, e de lá eles vieram para cá. Para lá era balata e castanha.

P/1 – Exatamente aqui, onde a gente está?

R – É... Não, aqui não, é para cima, no rio, porque esse rio aqui é que eu estou falando que tem as colocações, o Rio Iratapuru. Então, ele tirava castanha para lá, cortava seringa, balata para cá ele trabalhou pouco no Iratapuru, mas era castanha e seringa. Seringa era borracha e defumava, fazia a borracha para vender, a gente chamava de bolão, de 50 quilos, assim, aí, trazia para vender. De verão era seringa, de inverno era castanha e roça, que plantava cana, banana, macaxeira, arroz, milho, tudo, café e meu avô fazia até açúcar de cana e fazia mel de cana e tinha muito plantio, mas só era para comer mesmo, porque não tinha como vender, não tinha valor mesmo. Aí, o que dava dinheiro só era castanha e a seringa, era essas duas coisas.

P/1 – E a sua mãe?

R – Mamãe fazia a mesma atividade que ele fazia, a mamãe tirava castanha e cortava seringa também. Aí, quando a gente se entendeu, que a gente já estava grande, a gente ajudava eles.

P/1 – Quantos filhos a sua mãe teve?

R – Mamãe teve nove, morreu dois.

P/1 – Ficaram sete.

R – É.

P/1 – Você é qual dessas, mais nova, mais velha?

R – Eu sou a velha de tudinho.

P/1 – Você é a primeira?

R – É.

P/1 – E como é que era a casa de vocês?

R – A nossa casa era de palha de ubim. Ubim é uma palmeira, é uma palha. Então, era de ubim e o tecido de paxiúba. Então, ela era coberta de palha e paxiúba e madeira o assoalho.

P/1 – Quantos cômodos tinha?

R – Na verdade tinha um quarto, o corredor grande, uma cozinha bem grande e uma sala bem grande, mas, era um quarto também que tinha, porque essas casas onde a gente morava lá para cima, mais para lá para cima, eram diferentes dessas uma aqui, que hoje tem aqui. Para lá nossas casas eram maior do que essas umas aqui, mas só que era tudo assoalhado de paxiúba. Paxiúba é uma palmeira que a gente tira e é igual uma tábua, só que é diferente. É tudo tirado manual, mas a aqui já tem mais serragem. Foi tirado de machado, de braço, mas também foi serrado e para lá não tinha isso, as casas era tudo assoalhada e fechada, mas era de paxiúba e tábua. Era assim.

P/1 – E como é que era na sua casa. Como é que era seu pai? Fala um pouco dele, como é que ele era?

R – Assim, com?

P/1 – O jeito dele, o jeito de criar, quais as características dele?

R – O jeito da criação do meu pai?

P/1 – É. Como que ele era?

R – Ai, meu pai ele era católico só que ele não frequentava muito, também não tinha igreja. O padre ia de ano a ano fazer missa lá dentro, ele vinha de Macapá, de Macapá tinha alguém que levava ele e ele ia fazer missa nas casas, lá, não era em todas as casas, mas ele fazia. Mas a nossa vivência lá era só trabalhar, porque a gente morava isolado, a gente nunca morou em vila, assim. A gente morava numa distância era de meia hora da casa do meu avô que a gente morava e para baixo era mais de duas horas, para onde tinha gente.

P/1 – Eram só vocês?

R – Então, a gente morava assim, isolado mesmo, tipo uma casa aqui e não tinha mais vizinho perto, a não ser com 20 minutos, meia hora, era assim. E, aí, a gente trabalhava e de manhã a mamãe, a nossa atividade como católico lá, ela fazia era rezar o Pai Nosso e a Ave Maria, só, não tinha esse negócio de sair para ir para igreja de domingo, sábado, que nem a gente faz aqui, não tinha isso, não existia isso, porque lá não tinha como. A gente morava lá e, aí, de manhã, ia para as atividades cedo, o trabalho era esse, meu pai saía para trabalhar de manhã, ele merendava de manhã - merendar que a gente chama é comida mesmo - e, aí, ia para o meio do mato e só chegava seis horas da tarde. Então, a vivência dele era assim e nós fomos crescendo assim também, porque para lá não tinha escola.

P/1 – E a sua mãe?

R – A mamãe também. Já a mamãe era mais diferente porque a mamãe mais era a roça, mamãe plantava mais e levava a gente para roça quando maior...

P/1 – Desde pequeninhos vocês já iam?

R – Desde pequenininho, desde idade de quatro, cinco anos, já começava a ir. Quando era dez anos...

P/1 – Mas quando vocês tinham um, dois anos, ficavam com quem? Aí, ela não ia?

R – Não, ficava com os mais velhos, no caso eu. Tipo assim, eu já era mais velha, já tinha mais os irmãos eu já ficava com meus irmãos. Aí, quando os outros foram crescendo, eu já ia e os outros que ficava e assim ia. A mamãe trabalhava muito de roça, ela fazia tudo, ela tirava castanha, cortava seringa, mas ela trabalhava mais era com roça mesmo, mamãe plantava muito e tirava café, esse café de planta. A gente não comprava quase café para lá, a gente plantava e colhia, assim mesmo, e hoje, aqui, a gente já não tem..
(interrupção)

P/1 – E, aí, ela ficava mais para roça...

R – Era a mesma atividade também, quase que do meu pai. Era diferente, assim, porque ela ficava mais em casa, quando papai vinha para cá fazer compra, ele passava 20 dias, às vezes até um mês porque a gente andava mais era de remo. Logo no início, a gente andava de remo, só de remo mesmo, aí demorava e ela ficava com a gente lá. A gente ficava com ela. Aí, ele passava 20 dias, às vezes 15, por causa que era de remo. Então, a nossa vida era assim. A gente foi crescendo, eu casei também, todo o tempo lá.

P/1 – Vocês brincavam de que?

R – Sabe qual era a nossa brincadeira? Era pular n'água, principalmente agora, quando é verão, a gente brincava muito na água, as cachoeiras, porque lá, para ir para cima, para onde a gente morava, quando é de verão, tem lajeiro para todo lado, cada lajeiro bonito. E a gente brincava mais era pulando n'água, nossa brincadeira era assim, pulando n'água e tirava um pau que tem no mato, uma taboca, na verdade, e essas tabocas elas ficam igual uma sombrinha, a gente desfia ela e fez do jeito que quer, para apitar, para fazer igual uma sombrinha, era isso o que nós brincavam. E eu digo para os meninos e eles acham graça hoje e para as minhas meninas hoje: a gente tirava, as meninas, imbaubeira tem um monte de fruta, assim, que ela abre e fica igual uma boneca. A fruta, o que tem dentro, fica igual uma boneca mesmo, com a cabecinha e tudo e a gente brincava com aquilo, era a nossa brincadeira. A gente tirava aquele monte para brincar, as meninas. E, aí, pular n'água, brincar na n'água. Era isso o que a gente fazia, eram as nossas brincadeiras, assim, você não tinha outro tipo de brincadeira.

P/1 – Vocês iam para escola?

R – Não tinha escola, a gente nunca estudou. Meu avô disse que nunca estudou, meu pai também nunca estudou porque onde que eles moravam não tinha escola e, aí, eu também nunca estudei. Já eu vim a estudar depois de casada, com os meus filhos já tudo grande, foi em 2005, eu não sei se foi 2005 que estudei um ano, já aqui, nessa comunidade. Eu aprendi ler, eu sabia ler porque um senhor que veio tirar castanha para cá, com a gente, veio daí de fora, aí, ele sabia ler ele foi e ensinou para gente, as primeiras letras, ensinava no livro, assim, A E I, ia ensinando e assim eu aprendi.

P/1 – Quantos anos você tinha?

R – Eu tinha acho que uns dez anos quando eu aprendi, eu sabia ler, não sabia outras coisas, mas ler, assim, escrever eu sabia. Não era bonito mas eu sabia. Ler eu lia até bem, aprendi a ler até bem com ele, qualquer palavra, assim.

P/1 – Ele que ensinou, esse castanheiro?

R – Esse castanheiro, o nome dele era até José Ferreira, o nome dele. Aí, depois que eu me casei e tudo, que passou o tempo, que nós começou a se mudar o pessoal de lá, porque as coisas foram ficando difícil, porque lá as coisas foram ficando caro e, aí, a nossa produção já dava muito trabalho, já não dava para comprar as coisas necessárias. Aí, veio saindo, veio saindo o pessoal de lá, vieram baixando e as últimas pessoas a sair de lá de dentro mesmo foi nós. Nós ficamos para lá, o pessoal vieram saindo para cá, para frente.

P/1 – Espera aí, vamos voltar um pouquinho lá para trás. Mas você tinha vontade de ir para escola?

R – Tinha, eu tinha muita vontade.

P/1 – Você tinha contato? Como é que você sabia que outras crianças iam para escola? Que contato que você tinha com o mundo fora da comunidade?

R – Olha, o contato que nós tinha era que o papai tinha um radinho de pilha; a gente tinha um rádio de pilha e, nesse tempo, ele ligava o rádio de pilha. E a gente escutava, escutava jogo de futebol e escutava música e a gente ouvia também falar em escola, sim, mas a gente não tinha acesso nenhum para escola.

P/1 – Mas você tinha vontade?

R – Ah, eu tinha, tanto é que eu aprendi rápido, sem mentira nenhuma, até me lembro a primeira letra que eu aprendi. A primeira letra que eu aprendi a ler, que esse senhor ensinou para nós, foi tatu. Ele ensinava soletrando para gente, eu achava até engraçado. Achava tão divertido e, aí, eu aprendi. A primeira letra que eu aprendi foi essa. Aí, depois, eu fui aprendendo e depois ele foi embora, parou aí. Tinha uns livros grandes que ele trazia quando ele vinha para cá.

P/1 – Que livros que eram?

R – Eu nem sei mais como era o nome dos livros. Sei que ele dizia que um era de Português e na época os livros eram diferentes desses livros de hoje. O livro que ele levava, assim, tinha um bocado de coisa só num livro; hoje os meninos estuda num monte de livro, assim, pequeno, na escola, quando eles... Que nem aqui, que eles ele trazem um lista de livro, aqueles livros para fazer em casa, é livro pequeno, assim. É diferente desse livro que ele ensinava a gente lá.

P/1 – Ô, Beth, como é que era na sua casa? Seu pai era de contar história, sua mãe?

R – Papai era de contar piada; mamãe que contava história, ela gostava de contar história mas só que eu até já me esqueci, mas, quem gostava mesmo de contar muita história era minha tia. Essa minha tia ela gostava de contar história demais.

P/1 – Que história que ela contava?

R – Ele contava cada história, um bocadinho eu me esqueci já. Papai contava a história do Lampião, era verso do Lampião que ele gostava de contar e cantar a música do Lampião e eu sabia tudinho, até hoje eu me lembro de uma só, as outras eu não me lembro mais.

P/1 – Canta como é que era?

R – Ai, (risos) não dá para mim cantar, eu tenho vergonha.

P/1 – Não precisava ter vergonha, não, eu só queria saber como é que é. Fiquei curiosa para saber.

R – O papai, a música do Lampião que ele cantava, era assim.. Vocês vão rir de mim (risos). Papai cantava assim (cantando): “Cabra do cabelo grande; da cintura de pilão; cinturinha apertadinha, calço alto, fivelão; trabalha, coração; de noite vai para o sertão; no sertão de cabra macho que brigou com Lampião; amansa burro bravo, pega cobra com a mão. Cabra do cabelo grande; da cintura de pilão, cinturinha apertadinha; calço alto, fivelão; trabalha, coração; de noite vai para o sertão; no sertão de cabra macho que brigou com Lampião”. Essa era a primeira, tinha mais que eu esqueci já, faz tanto tempo. Ichi, tinha muita música, assim, que ele contava, ele cantava e contava a história do Lampião. Ai, eu me esqueci já. Essa era do papai.

P/1 – E a sua tia? A que gostava de contar história. É irmã da sua mãe?

R – Era. Era irmã da mamãe, ela tinha, eu me lembro de uma só. A gente esquece. A gente vai em outras atividades, a gente esquece. Ela tinha um verso que ela contava assim: “Planta de cana caiana que muitos homens se formaram, eu também vou me plantar cana para me formar um doutor, seu capitão não plante cana que seu serviço é perdido, vivendo no Guaxinim vou desgraçar seu partido, nem sua faca me corta, nem seu garfo me trincha, você morre, leva o diabo e não prova dessa pechincha”. Esse era o verso que ela contava mas ela contava outros, que eu sei só pela metade. Esses uns eu sei todo, essa uma... Mas os outros que ela contava eu estou esquecida, já sei só pela metade.

P/1 – E, aí, até quanto tempo vocês ficaram nessa comunidade, vivendo lá?

R – Lá? Quando eu vim de lá eu tinha quatro filhos.

P/1 – Ah, você passou a vida lá?

R – Foi. Eu vim de lá eu tinha a Elza, o Eudimar, o Edinho e a menina que morreu, uma menina que morreu. Eu tinha quatro quando eu vim de lá, vim morar aqui, nessa vila aqui, não saí do rio. Vim morar aqui, no rio...

P/1 – Não, mas na casa do seu pai e da sua mãe você ficou até quanto tempo?

R – Antes de eu me casar?

P/1 – É.

R – Ah, eu me casei, saí da casa dos meus pais, tinha 15 anos.

P/1 – E onde você ia? Como é que você conheceu ele?

R – Não, é porque veio daqui, ele trabalhava em Monte Dourado, aí, ele saiu da empresa na época do desmatamento aqui, da Jari. Aí, ele saiu e veio tirar castanha para cá, vinha muita gente sempre tirar castanha e já estava quase finalizando o desmatamento e ele...

P/1 – Sua mãe tirava castanha?

R – Tirava.

P/1 – Seu pai também?

R – Tirava.

P/1 – E você ia junto com eles?

R – Ia.

P/1 – Desde quantos anos você tirava castanha?

R – Aí, quando já tinha os outros meninos, aí, eu já não ia, já ficava mais em casa. Já fui, de novo, quando os meninos cresceram. Mas, logo quando, a gente ia para o... Na verdade, a gente ia, tinha vez que papai formava duas equipes; papai ia tirar com o pessoal e a mamãe tirar dela,

separado. Tem vez que ela tirava o dela separado com a gente.

P/1 – Mas a terra era de vocês?

R – Era, a colocação que a gente chama. O castanhal era nosso.

P/1 – Mas, aí, como é que funciona? Contratava outras pessoas, como é que era?

R – Na verdade a gente chamava outras pessoas para vir para tirar castanha junto, gente que estava precisando mesmo, que morava para cá, para o Laranjal do Jari, que nesse tempo Laranjal do Jari só era uma beira, não tinha mesmo a cidade de Laranjal do Jari, ela estava começando.

P/1 – E vocês não iam nunca para lá? Era difícil?

R – Para onde?

P/1 – Para Laranjal, para cidade?

R – A gente vinha, mas era de ano a ano. De ano a ano que a gente vinha para cidade de Laranjal, a gente ficava lá, papai vinha era mais fazer compra durante o ano. Ele vinha, passava 15 dias, 20 dias e voltava para lá. E a gente ficava lá, então, era difícil a gente vir na cidade, a gente não vinha. Nem era cidade mesmo, era mais assim, foi aumentando as casas. O Laranjal do Jari não tinha, assim, nesse tempo, o agreste, a estrada, só era na beira. As casas só era na beira e a gente vivia assim.

P/1 – Aí, como é que seu marido chegou?

R – Sim, aí ele veio para tirar castanha, nesse tempo veio mais oito pessoas tirar castanha com ele, papai.

P/1 – Mas na comunidade do seu pai?

R – Sim, lá em casa, porque eram vários castanheiros que tiravam castanha. Aí, às vezes, iam de parceria um com o outro e, aí, dividia o grupo. Que nem, o hoje ainda existe os grupos de castanheiros, eles foram tirar castanha com ele e a gente se conheceu assim.

P/1 – Você lembra do primeiro dia que você viu ele?

R – Se eu lembro do primeiro dia? Eu não estou lembrada o primeiro dia, não.

P/1 – Mas quando que você falou “ah, estou gostando dele”?

R – Na época ele tinha 21 anos, na época que nós se conhecemos.

P/1 – E você 15?

R – Era. Que eu lembro era ele e o pai do Régio, um menino que mora aí, aqui na comunidade. Era ele e o pai desse menino aí, o pai do Régio e os outros eu não estou lembrada quem eram os outros, quais os nome dos outros que foram com ele na época para lá. Lá, a gente se conheceu assim. Aí, depois, eu fiquei noiva, não foi assim, não. Aí, papai veio para cá e a gente casou.

P/1 – Ele veio para cá e morava aonde?

R – Ele tirava castanha. Ele morava...

P/1 – Eu sei, mas ele ficava morando aonde? Ele vinha, tirava castanha, mas ele morava aonde, seu marido?

R – Não, ele morava aqui, no Laranjal mesmo. Morava e tirava castanha e voltava. Dessa época que ele ficou para lá, nós ficamos noivo e, aí, depois, a gente... Aí, ele não foi mais.

P/1 – Mas ele vinha e voltava todo dia? Na época da castanha?

R – Não, na época da castanha é assim, a pessoa fica colocada lá, vai mais para dentro do castanhal, passa dois, três meses tirando castanha, aí, quando termina é que a pessoa sai, de lá, de dentro mesmo do castanhal. Porque a gente morava aqui, na frente do castanhal, e tem mais para cima, que a pessoa vai fazer barraco lá dentro dos piques... para tirar castanha, dentro do igarapé, para tirar castanha. E na época foi feito assim e até hoje é assim. A pessoa vem, passa um mês, dois meses, três meses, para poder tirar a castanha tudo, para chegar naquela colocação. Aí que traz para cá, para cidade.

P/1 – E como é que vocês namoravam? Pegando castanha vocês namoravam?

R – Não, era assim, ó, ele ia pegar castanha e quando ele chegava em casa a gente conversava, assim, a mamãe não deixava a gente sair para

canto nenhum, nem o papai, porque lá tinha evento de festa, o meu avô festejava São Sebastião e de ano a ano tinha. Era festa grande mesmo que ele fazia, com som, assim, na época, ele conseguiu som e ele criava muito porco, galinha e peru. O meu avô criou até peru. Aí, ele matava e fazia assim, dois dias de festa, assim, matava porco, colocava som para tocar, matava galinha e se juntava aquele bocado de gente, fazia uma celebração e, às vezes, ele até levava o padre, mas era difícil, era mais só com a gente mesmo, se reunia e ia todo mundo nas canoinhas, se reunir lá, na casa dele. Aí, mesmo assim, era difícil a mamãe deixar, não deixava a gente sair, não, só se ela fosse junto, mas ela não liberava a gente para sair com ninguém, não é como hoje as meninas saem, vão estudar, vem para comunidade, que nem agora uma mesmo uma saiu, foi para escola agrícola. Ela estuda lá para uma escola agrícola, para banda de Macapá, mas a gente não saía, não, naquele tempo, para canto nenhum. Mesmo para estudar não dava naquele tempo, nisso aí eu entendo. Agora, assim, para sair, às vezes a gente queria ir numa brincadeira que tinha na casa de um vizinho, o vizinho que eu digo era meia hora, duas horas, que às vezes os outros convidavam, “não, não vai, não”. Não deixava sair, conversava em casa mesmo, que nem a gente estamos aqui, conversava assim. Aí, quando foi para mim me casar mesmo, vim casar lá na Cachoeira, o nome do padre era até Frei Ricardo, o nome do padre que celebrou a missa.

P/1 – Como é que foi o casamento?

R – Como foi? Foi simples, foi só mesmo casado mesmo, na igreja.

P/1 – Você estava vestida como?

R – Ah, a mamãe mandou fazer um vestido, uma costureira mesmo que fez o vestido, eu nem lembro qual era a costureira. Fez um vestido branco simples, teve que mandar fazer mesmo, um vestido comprido de manga. Eu tinha foto até um dia desses aí mas a nossa casa queimou duas vezes quando a gente morou para cá, que a gente morou ali para baixo, no sítio dela e, aí, eu perdi essas fotos, não tenho mais. Era até no monóculo, na época não tinha esse negócio de papel. Não sei se vocês viram, se vocês ainda viram aquele negócio monóculo, de tirar aquelas fotos, eu ainda tinha, hoje eu não tenho mais. E aí?

P/1 – Aí, vocês casaram e foram para onde?

R – A gente foi morar para lá. Aí, a nossa casa, a gente sempre morou, agora mamãe mora aí e eu moro aqui, a gente sempre morou assim, eu nunca saí, todo tempo que a casa dela era ligada com a nossa e a nossa ligada com a dela, todo o tempo. Morava numa casinha de palha do mesmo jeito, para lá e a gente morou para lá, eu tive quatro filhos e com quatro filhos que a gente veio para cá, todo mundo foi saindo, a gente foi ficando isolado. Assim, a gente nem queria vir, a gente só veio de lá porque estava muito difícil da gente vir de lá para comprar as coisas para ir para lá, sendo que pouca gente. Aí, a gente veio saindo, veio descendo, até que a gente veio para cá. A gente veio para cá e quando era no inverno, para tirar castanha, ia todo mundo para lá de novo. A gente voltava tudinho na canoa grande de pau, madeira, a gente levava todo mundo. Aí, papai passou três anos assim e com três ele resolveu, aí foi tempo que tinha uma senhora que lecionava ali na boca, era até essa uma que estava na foto, aqui. Aí, papai não levou mais a gente, já ia só ele com o pessoal e nós ficava com a mamãe, porque os meninos estudavam, os meus meninos estudavam, eu não estudava; só vim estudar esse ano que eu estou dizendo. E os meninos estudavam, os meus filhos estudavam, eles iam de remo para lá, para casa da senhora ali. Depois disso, aí que já teve prefeito na cidade, aí colocou uma escolinha ali na boca do rio, ali na vila do outro lado. Aí, tinha mais escolinha lá, que funcionava da prefeitura, com uma professora só. Aí, os meninos vinham de remo, se juntavam de um lado para outro e iam estudar.

P/1 – Vamos voltar, quando você saiu de lá porque estava afastado e veio para cá, como é que era esse pedaço aqui do Iratapuru? Como é que era essa vila, quantas casas tinha, quem foram os primeiros moradores?

R – Aqui nessa vila? Não tinha ninguém.

P/1 – Você foi a primeira?

R – A única pessoa, quer dizer, não tinha assim. Tinha o seu Mauro, porque ele veio de lá também primeiro, morou para cá, depois ele veio, morou lá... Numa ponte, aonde a menina caiu numa ponte? Pois era lá naquela ponte, seu Mauro morava lá. Então, só era lá na beira do rio mas aqui não tinha nada, era só mato baixão, aqui embaixo e lá, mais em cima, tinha a capoeira, que era dele. Aqui só era um baixão, só era mata mesmo, não tinha ninguém. Só era ele, Mauro lá e nós viemos para cá, a gente estava no sítio da mamãe e, de lá, a gente veio morar aqui, nessa localidade, porque no sítio da mamãe ele pegou fogo. A gente não sabe até hoje o que era que acontecia que pegava fogo. O pessoal diz que é minério que tem lá, a gente não sabe.

P/1 – Pegou fogo? Como que pegou? Você estava lá?

R – A gente estava lá e do nada pegou fogo. O pessoal disse...

P/1 – Mas vocês estavam dentro?

R – Estava foi de dia. Se fosse de noite... A gente viemos, se mudemos...

P/1 – Como vocês viram pegar fogo? Conta como começou?

R – Estava pegando fogo assim, era hora de meio dia. Aí, a mamãe disse assim “olha, está pegando fogo aqui na casa” “Mas como que está pegando fogo na casa?”, foi ver, a casa era de palha, aí estava pegando fogo na cumieira da casa. Aí, nos viemos para cá.

P/1 – E queimou tudo o que vocês tinham?

R – Queimou quase tudo o que nós tínhamos.

P/1 – Roupa?

R – Roupa, cama. Nessa época nós tinha uma cama só lembro, a gente só usava rede. E era só na lamparina também porque não tinha outra energia. Água era do rio.

P/1 – E, aí, o que vocês fizeram?

R – Aí, nós viemos para cá, para boca, a gente se mudou para cá. Dali, a gente abriu esse aqui, aqui onde nós estamos, a casa nem era essa aqui, era mais ali. A gente abriu isso aqui, essa capoeira aqui, fizeram um mutirão até na época e tiraram madeira e fizeram rápido. Só assoalharam e cobriram para nós morar aqui.

P/1 – Chama o que essa? Capoeira? O que é que é capoeira?

R – Capoeira é onde a gente derruba o mato, que nem o pessoal derrubaram aí da empresa. Aí, vira capoeira porque só nasce mato, já não é aquela mata mais, é aquele mato que para aí, para o outro lado, o pessoal chama cerrado, aqui para nós é capoeira. Tira a mata toda e nasce outro, já não é original mais, já não é mais a mata. Então, aqui, era uma capoeirinha aqui, aí, abrimos aqui mais e fizemos aí a nossa casa aqui.

P/1 – Mas quando pegou fogo no sítio você já tinha os meninos ou não?

R – Já, eu já tinha tudinho os meninos, só não tinha...

P/1 – E aí, como é que você fez?

R – Olha, só não tinha o Dener. Na época que queimou lá eu já tinha, tinha morrido dois filhos meus...

P/1 – Morreram do que?

R – Morreu de malária.

P/1 – Como foi?

R – Deu febre nela. A gente só sabe...

P/1 – Quantos anos ela tinha?

R – Estava com sete meses. A gente só sabe que era malária porque daqui a gente levou para o hospital e quando chegou lá o médico disse que estava com quatro cruz de malária, estava difícil porque estava muito pesada a malária, estava muito forte. Aí, o médico começou a dar remédio lá, aí não resistiu, era até um menino. Mas foi só esse caso.

P/1 – Você ficou muito triste?

R – É, porque na época o pai dele nem estava, ele estava para o castanhal e só estava eu. Aí, eu levei para o hospital e quando chegou lá, o médico disse que não sabia se ia resistir, aplicou soro e, aí, morreu mesmo. Aí, fiquei, mas os médicos não queriam liberar de jeito nenhum para tirar do hospital, eu fui, assinei um papel, tirei e trouxe para cá e é sepultado aí, na onde o pessoal da EDP desmataram, ali, do outro lado.

P/1 – E o outro que você perdeu?

R – O outro foi lá no Monte Dourado mesmo, eles destinaram o outro.

P/1 – Tinha quanto tempo?

R – Foi logo que nasceu essa uma, era uma menina. Aí, eles sepultaram lá para o Monte Dourado.

P/1 – Mas foi com meses? Foi quando nasceu? Como foi?

R – Não, foi na hora que nasceu mesmo. Foi na hora que nasceu, porque era gêmeos, eu tive gêmeos. Aí, eu tive gêmeos, mas era porque...

P/1 – Mas um sobreviveu e outro morreu? Como foi?

R – Foi. Um sobreviveu, mas morreu depois, quando já estava grande também e eu não sei de que foi.

P/1 – Então você perdeu três?

R – Foi, três. O médico falou que talvez poderia ter sido malária mas a gente não sabe, porque deu uma febre rápida e rápido não deu tempo.

P/1 – Um morreu no parto e outro viveu quanto tempo?

R – Sete meses.

P/1 – Os dois morreram com sete meses?

R – Um morreu com sete meses e, aí, depois que eu tive outro morreu mais ou menos estava com oito ou nove meses já, a menina. Aí, a gente não sabe, porque não deu tempo de levar para o hospital. A gente acha que era malária, mas só com três dias de febre, foi rápido. É que não tinha como levar para o médico, não deu tempo de levar para o médico. Aí, essa menina, não deu tempo, deu febre como hoje, amanhã outro dia quando foi para levar, não deu jeito, não deu tempo de levar.

P/1 – Quer dizer, os três primeiros que morreu?

R – Foi.

P/1 – Seus três primeiros filhos?

R – Não, não foi os três primeiros porque eu tive a Elza, tive Eudimar, tive o Edinho, aí, do terceiro, é que foi que morreu esses três. Aí, desses três, nasceu os gêmeos, morreu... Nasceu primeiro a menina, morreu; nasceu os gêmeos, morreu e, aí, depois que eu tive os outros.

P/1 – Mais quantos?

R – Eu tive a Edna, Elziane, a Elen, a Sabrina, o Elias e o Gabriel.

P/1 – Era uma vontade sua ter bastante filho, não?

R – Não, não era porque a gente sofria muito porque a gente não fazia pré natal, a gente não fazia exame, só estivesse doente mesmo. Só se tivesse doente, então, a gente não fazia e não tinha como, a gente morava para aí, para cima, e não tinha como a gente ir, não tinha orientação de ninguém na verdade. E não tinha tratamento nenhum, a não ser que você pegasse uma doença, que era difícil a gente adoecer e levava para cidade, porque para lá tinha três, quatro dias para poder chegar na cidade e a doença que a gente pega mais para cá, na época, era malária. Outra doença a gente não pegava, quase. Não era tanto que fosse vontade, hoje eu batalhei muito, a gente batalhou muito junto, depois não deu certo, ficou só eu e até hoje eu estou mantendo três ainda na minha responsabilidade. Mas, agradeço a Deus por ter vencido com eles até hoje, mas não era tanta vontade, porque a gente sabe que o filho precisa do melhor, que a gente não teve, que a gente tinha vontade, que o filho precisa e a gente não pode dar. Mas, para mim está, agradeço a Deus.

P/1 – Ô, Beth, e como é que foi crescendo essa comunidade? Como é que ela foi formando aqui?

R – É, na verdade a comunidade existia, mas existia assim, como eu falei, o pessoal ali e o resto tudo espalhado aí para dentro, o padre vinha uma vez no ano. Aqui nesse lugar, nessa localidade onde nós estamos agora, veio um pessoal aí e disse que a gente tinha que formar uma cooperativa, que uma cooperativa aqui era muito bom.

P/1 – Quem que é o pessoal que veio?

R – Era até o pessoal do Braz, de outra comunidade, lá de baixo, acima do Laranjal. Aí, era bom formar uma cooperativa, porque uma cooperativa tinha benefício, tinha recurso, tinha um monte de coisa.

P/1 – Mas quem eram essas pessoas?

R – Era uma família que morava acima do Laranjal do Jari.

P/1 – A família que falava da cooperativa?

R – Que disse que era bom formar uma cooperativa, que já tinham formado várias. Aí, a gente...

P/1 – Quem que era?

R – Era o Braz. Aí, nós fizemos, fomos fazendo aqui mas a minha casa aqui já existia, estava novo aqui. Aí, o pessoal do lado de lá não quiseram para lá, era parente dele mesmo mas ele não quis ir para lá, fazer aqui. Começamos a fazer aqui, como eu já tinha a minha casa, a casa de mamãe, a casa do meu irmão, aí foi fazendo os prédios ali para frente, esses barracões que tem, logo aqui. Para lá não tinha nada, depois que foi feito esses barracão aí e começaram, para fazer essa cooperativa tinha que juntar 20 pessoas no mínimo.

P/1 – Mas uma cooperativa do que?

R – De castanha, de extrativismo, trabalhar com extrativismo. Aí, está, ele inteiro com a família dele para lá, a gente não conhecia e pegou o pessoal aqui da comunidade, era bom para todo mundo e gente foi chamando o pessoal. Aí, o pessoal que estava descendo de lá de cima, que ficaram, que já estava aqui perto, vieram para cá. Aí, foram fazendo casas, depois dos barracões feitos, aí, vieram para cá, uns vinham aqui e voltavam, trabalhavam e voltavam e foram fazendo casa aqui perto, porque a gente trabalhava com biscoito artesanal aqui, na frente. Biscoito, doce de castanha; era o seu Mauro, a família do seu Mauro e a família do Arraia, que era o apelido do meu marido. O nome dele era Delbanon, mas o apelido dele era Arraia. Então, duas famílias trabalhava quase com esse Braz. Depois do Braz, veio a família dele, tudo, depois que começou a pegar financiamento, recurso e aí foi.

P/1 – Como é que formou a cooperativa? Então, era vocês no começo?

R – Era.

P/1 – Qual que era a ideia da cooperativa? Para quê que era?

R – Era para trabalhar com castanha, com extrativismo.

P/1 – Eu sei, mas por que juntar todo mundo? Por quê que veio essa necessidade?

R – Porque era só com... (Interrupção) Era uma forma de pegar recurso, porque através de uma cooperativa, uma cooperativa é uma associação, tinha como pegar recurso.

P/1 – Recurso de quem?

R – Recurso, assim, que vem de projetos, do Governo, vários projetos que existe para cooperativa, financiamento. E, como a gente vivia assim, nesse isolado, a gente não tinha esse entendimento de nada, nossa produção era muito sem valor, a gente praticamente trocava uma barriga de castanha numa lata de leite, trocava mais era com mercadoria e eles falando que se a gente pegasse dinheiro a gente ganhava mais. Então, aí, foi ajuntando as pessoas para trabalhar, para ir porque já tinha escola. Aí, que já tinha escola, com os pessoal morando aqui, já tinha como estudar os filhos deles, que era os meus e o dos outros. Aí, foi ajuntando.

P/1 – Como que formou a escola aqui? Quem trouxe a escola para cá?

R – Ah, primeiro que a escola não era bem uma escola, que era ali. Essa minha comadre que eu estou falando que dava aula, na casa dela. Depois, a gente falou, como a gente se juntou tudinho, foi buscar parceria, na época o Governo disse assim, o Governo do Capi [Capiberibe] falou assim, ele tava candidatado para governador, ele falou assim “olha, se eu for eleito, eu vou ajudar a cooperativa de vocês. Como? Com financiamento para vocês”, o Estado. Aí, ele foi eleito e quando ele se elegeu, ele fez o financiamento e fez com que as pessoas fossem, ele comprou uma fábrica através de projeto, de biscoito e trouxe para cá, para nós.

P/1 – Quem que administrava, quem conversava para conseguir o recurso?

R – Olha, era a diretoria dessa cooperativa, que era Comaru, era a diretoria na época. A diretoria era o Mariolando, era Braz, o Arraia, seu Mauro e o Sabá, que conversavam com o pessoal. Eles reuniam aqui o pessoal, e reuniu o pessoal da comunidade, e dizendo que era bom o projeto e tudo mais. Pegava assinatura do pessoal e, aí, mandava projeto e projeto com dois anos, depois, era aprovado, para gente trabalhar.

P/1 – E aí? Aí, vocês pegaram esse recurso?

R – É, na verdade quem administrava era eles, o recurso. E a gente trabalhava, trabalhava assim, vai melhorar e quando melhorar vai melhorar para todo mundo. Logo no início não era um ganho fixo nenhum. A gente trabalhava, a gente formou isso aqui, na época eu e meu marido nós tinha muita roça, 16 linha de roça, tinha o motor, tinha uma canoa, era só nós que tinha porque o pessoal não tinha, motorzinho com uma canoazinha já nessa época. Aí, a gente trabalhava, assim, a gente não ganhava nada, só era o recurso que vinha para fazer os prédios. Depois, que eles começaram já a pagar diária, esse pessoal do Braz, eles que eram os diretor principal; eles pagavam a diária para gente mas a gente não sabia como é que funcionava direito.

P/1 – Ele pagava diária de que, da castanha? Não estou entendendo, desculpa.

R – Não, ele pagava assim, a pessoa fazia o biscoito e eles pagava a diária.

P/1 – De fazer esse biscoito?

R – Isso, era.

P/1 – Mas e a castanha? Quem pagava a compra da castanha?

R – Eles compravam castanha...

P/1 – De vocês?

R – Era. Eles pegavam castanha, compravam a castanha ou quando não, colocava para beneficiar e pagava a diária, para se beneficiar. Uma parte eles passavam para gente, uma parte eles ficavam para fazer administração, esse pessoal do Braz, os outros...

P/1 – E aí?

R – E aí a gente foi tocando.

P/1 – Que ano que foi isso, Beth, que formou a associação?

R – Foi em 1992 que formou essa cooperativa. Foi 1992, foi o ano que ela foi regularizada com estatuto, aí, que ela foi pegar financiamento mesmo, foi já com dois anos depois, três anos, que ela foi começar a pegar recurso. A gente trabalhava mais era voluntário, a gente não ganhava nada, só o que a gente comia mesmo. Aí, depois de três anos depois, que a gente foi começar a ganhar diária, ganhar essas coisas, assim. Aí que nós fomos entender, que a maior parte da gente não entendia como é que funcionava.

P/1 – E, aí, quais eram os desafios, assim? Como é que foi acontecendo?

R – Aí, foi acontecendo aos poucos, veio muito financiamento. Nessa parte que aconteceu assim, aí já não gosto muito de falar, porque esse pessoal que vieram para cá, fazer essa cooperativa com a gente, eles fizeram umas coisas que não foi certo. Aí, por conta disso aí, a gente tirou, tirou eles a velha diretoria que estava, que era família deles.

P/1 – O que é que eles fizeram?

R – É, na verdade, todo mundo ficou sabendo que desviou recurso e que teve desvio de recurso, uma porção de coisa. Aí, era só os irmãos que estava já administrando, já não era o pessoal da comunidade, já não era mais como foi no início, depois que a cooperativa começou a entrar recurso, eles já não queriam mais que a gente participasse nem reclamasse mais nada, já ficou tudo individual. Aí, foi o tempo que já estava com mais de quatro anos já, já tinha vencido o prazo, o ano da eleição e, aí, a gente foi, aconteceu muitas coisas ruins e a comunidade foi e tirou eles. Aí, eles foram embora.

P/1 – Que ano isso?

R – Isso foi em 2004.

P/1 – Mas foi época do incêndio?

R – Logo que eles foram eleito teve o incêndio na fábrica. Teve o incêndio na fábrica, foi comprovado que incendiaram a fábrica só que a gente não tinha recurso, dinheiro para pagar nada, advogado nem nada, a gente mora tanto tempo aqui. Foi comprovado tudo mas, aí, o cara ainda foi preso mas foi solto de novo, o advogado soltou e a comunidade fica mais acomodada aqui, trabalhando de uma outra forma. Aí, foi eleito em 2005, o Luís, que é daqui mesmo da comunidade, de lá para cá foi mudando, já teve o contrato da Natura já com óleo, porque, aí, quando foi que reformou a fábrica, já não foi mais o biscoito, até porque a fábrica que queimou não tinha como reconstruir uma fábrica daquelas, que na época quem a doou, através de projeto, foi o governo do Estado, Capi. E quando se acabou essa fábrica, aí, não teve mais como colocar outra, nem a gente não tinha como comprar, porque pegou fogo tudo o que tinha na fábrica, das fardas a castanha, o biscoito. O pessoal lá na outra comunidade, que fica lá, abaixo da hidrelétrica, eles vieram o fogo, a fumaça que aconteceu aqui. Aí, quando já veio, já veio o contrato da Natura, já com o óleo, aí, a gente já começou a trabalhar com óleo.

P/1 – Quem que conseguiu esse contrato da Natura? (Interrupção).

R – A gente já tinha tido uma conversa com o pessoal da cooperativa e quem conseguiu o contrato já foi na época do Luís.

P/1 – Mas foi a Natura que procurou vocês?

R – Foi. E através de a gente já ter saído, já ter se encontrado, vieram fazer uma pesquisa sobre o breu branco. Aí, através desse breu branco, foi..

P/1 – Por que aqui tem breu branco?

R – Tem breu branco.

P/1 – Onde que tem?

R – Não é aqui perto, é logo ali em cima que tem.

P/1 – O que é que é o breu branco?

R – O breu branco é uma resina que dá no pau. Ela dá aquela resina, ela cresce, aí vira o breu.

P/1 – Para que é que era?

R – Na época a gente fazia fogo para espantar bicho, calafetar barco e ele era muito cheiroso, era não, é até hoje. Aí, a Natura veio e fez essa pesquisa, perguntou para que era, para que a gente usava a gente falou e eles acharam muito cheiroso e levaram. Aí, eles fizeram um perfume do breu e, depois, que veio o contrato do óleo, do óleo de castanha. Veio o contrato do óleo, fizeram o contrato, aí daí para frente o biscoito não teve mais acesso em nada. A gente até sabe fazer biscoito, mas para vender a gente tem que ter um bom produto, assim, muito produto, porque não adianta vender só um pouquinho. A gente vendia na época para o Governo do Estado. Se a gente vender só um pouquinho não cobre o prejuízo. Assim, que tem gerador, energia, paga a mão de obra de todo mundo, aí não tem..

P/1 – Vamo voltar, como é essa relação da Natura com a comunidade? Eles vêm aqui..

R – É.

P/1 – Compram o breu branco, depois começaram a comprar o óleo, e o que é que eles investem na comunidade? O que eles levam, como que é essa relação?

R – Olha, pelo breu branco eles pagaram um retorno pelo conhecimento tradicional, eles pagaram o retorno para comunidade, aí já não foi mais para cooperativa, porque o contrato é com a cooperativa da produção e tudo. Mas o retorno social já não é mais para Cooperativa, é para comunidade.

P/1 – E qual que é o retorno social que eles pagam?

R – É em dinheiro que eles pagam o retorno social.

P/1 – Mas eles dão para cada um da comunidade? Eles investem, como é que é?

R – Não, não, não, até porque eles falaram que se eles fizerem assim vão dividir a comunidade; não é já uma coisa social, todo mundo vai ficar individual e aí pode até se esbanjar e ir embora.

P/1 – E como é esse retorno para comunidade?

R – Aí eles pegam, passam para Associação, a Associação vai administrar, tipo, a comunidade quer comprar um motor, ou quer, que nem fizeram aquela torre da Vivo lá, quer fazer o centro comunitário, reformar a Igreja, fazer um campo de futebol, aí a comunidade se reúne e faz o levantamento, faz aquele projeto desse recurso e ela mesmo faz.

P/1 – Quem que é da Associação?

R – Da Associação...

P/1 – Que tem a cooperativa e a associação?

R – Isso. A associação é da Dona Luiza e a Dona Lura.

P/1 – Desde quando existe a associação? Foi criada pela Natura?

R – Não, nenhum dos dois foi criado pela Natura. A associação foi criada pela própria comunidade, a comunidade achou que tinha a necessidade de formar uma associação para trabalhar na parte social, porque a cooperativa era muito ocupada. Então, era também para dividir as tarefas para ajudar, porque é muito trabalhoso para trabalhar assim com as pessoas, com a comunidade, para trabalhar com muita coisa, é muito trabalhoso. Aí, foi formada a associação por isso, mas foi o povo da comunidade mesmo que formaram. A Natura só ficou sabendo depois. E, aí, a gente formou e falou que a gente queria que passasse para associação, o dinheiro do conhecimento tradicional era para associação, para associação administrar para ficar mais fácil para, para Comaru.

P/1 – É quanto que é esse dinheiro?

R – Olha, o primeiro dinheiro que foi feito foi até para reforma da fábrica na época que queimou. Eu não estou lembrada, mas para mim que foi setenta mil, que eu não era da diretoria a gente fica com muita dificuldade de entender. Foi setenta mil, fizeram a reforma da fábrica, discutiram com a comunidade fez outras e outras coisas. Já o último foi duzentos e cinquenta mil; duzentos e cinquenta mil pagado para Associação.

P/1 – E, aí, o que é que vocês fizeram com o dinheiro?

R – Foi feito, foi feito esse o Centro Comunitário, foi feito a torre da Vivo, aquela torre da Vivo lá foi a Associação que fez. Foi reformado o

container, foi feito, não estou lembrada mais de... E aí foi pago o povo, a associação pagou para o pessoal da comunidade para roçar a vila, para fazer um bocado de coisa na vila a associação pagou. E que eu estou lembrada foi feito isso e o resto do dinheiro está na conta da associação, ainda, porque a associação agora está irregular, porque como venceu a diretoria e a associação não conseguiu ainda fazer uma nova diretoria e o resto do dinheiro desse um está na conta da associação.

P/1 – Qual a sua atuação na comunidade, você é uma líder comunitária aqui?

R – É, sou.

P/1 – Desde quando?

R – Eu sou, na verdade eu sou secretária da Comaru durante quatro anos; aí, teve eleição agora, em fevereiro de 2013, aí me elegeram de novo, eu até nem queria mais que eu estava muito cansada que a gente trabalha muito, estou continuando, como secretária, e faço parte da comissão, de uma comissão que é a liderança da comunidade, eleito de novo pela comunidade.

P/1 – Desde quando você é líder comunitária?

R – Agora, líder comunitária mesmo é, foi em março agora que a gente...

P/1 – Não, mas, você é uma figura popular aqui, por que você é pioneira? Por que é que você acha que você tem essa...

R – É, eu acho que sim pelo fato de eu ser daqui e me dedicar muito a esse trabalho. Eu não sei pessoal, eu não sei, até eu fico assim, acho que é por causa de eu estar muito tempo aqui e trabalhar mesmo, trabalhei desde o início aqui na cooperativa. E eu acho que também eu sou... Eu sendo secretária da cooperativa, trabalho hoje com recurso do fundo, que chama Fundo de Iratapuru. Porque a Natura também ela criou um fundo para comunidade, independentemente do conhecimento tradicional ela paga um fundo para comunidade sobre os benefícios que ela faz. Então, ela paga um fundo para comunidade, e esse fundo quem está administrando somos nós, porque a gente queria que passasse para associação, mas, a Natura ainda achava que a gente ainda não teria como passar para associação ainda, porque a associação estava muito nova, foi muito nova, criada muito recentemente, e como a gente já estava trabalhando com o fundo ela queria que a gente continuasse até amadurecer a...

P/1 – Você que negocia com o pessoal da Natura?

R – Não, na verdade somos um grupo. É eu, o presidente, o conselho fiscal e aí a gente faz a comunicação, mas a negociação é aqui.

P/1 – Quem que vem da Natura aqui?

R – A Simone, hoje é a Simone, o André. Na época era o Ronaldo. Na primeira vez mesmo foi a Ingramara. Ela saiu da Natura, hoje ele está em Manaus. A Ingramara e eu estou esquecendo o nomes dos outros. Aí depois veio vindo, entrou o Ronaldo, depois do Ronaldo foi a Simone. Entrou vários, mas que eu lembro que trabalhou...

P/1 – E a Natura está, tem relação com essa comunidade? Ou tem outras, está com outras aqui?

R – Aqui só é com essa uma e aqui mesmo no Amapá. Agora tem do lado do Pará, ela trabalha com a Fundação Jari, trabalha com ela; ela trabalha com a Fundação Jari.

P/1 – Beth, agora deixa eu te fazer uma pergunta: com essa vinda da hidrelétrica aqui qual que você acha que vão ser as principais transformações daqui da comunidade?

R – Qual é a transformação de bom assim eu?

P/1 – De bom ou de ruim.

R – Ah, olha uma transformação assim que eu acho que para nós é uma transformação que até hoje a gente não sabe dizer se é bom ou se é ruim, para nós no momento não está sendo bom. Está sendo bom pelo lado porque quem está trabalhando está ganhando dinheiro, mas, esse dinheiro daqui com um ano vai se acabar, entendeu? Porque, assim, todo mundo está trabalhando, vai se acabar esse dinheiro bem e aí a empresa vai embora. No ano que vem a empresa já não está com certeza mais aqui. E, aí, vai ficar todo mundo assim, vai voltar para as suas atividades normal. Então, nesse momento para nós está sendo um impacto muito ruim, muito ruim pelo um lado, porque está sendo desmatado tudo, nós não estamos vendo pela empresa aqui, nem, assim, uma parte social, tipo, como que eu posso dizer, um carro colocado pela empresa, a empresa vai colocar esse carro só para comunidade para emergência. Tudo bem a empresa quando adocece um ela dá o transporte na catraia, ela pode dar até um carona no carro, que não é permitido eles darem carona, mas, eu acho assim que deveria ter um carro à disposição da comunidade, ter melhorado um porto ali naquele embarque. Quando vocês desembarcarem chega uma pessoa doente, enquanto espera o carro -porque o carro de vocês estava lá- mas se liga do telefone daqui, chama o carro, deveria ter uma casa de apoio lá, para colocar essa pessoa lá, para não pegar chuva até chegar o carro, entendeu? Eu acho que deveria ter aqui um porto melhorado para chegada aqui, um atendimento pela empresa melhorado aqui. A empresa anda com o enfermeiro dela, ela anda com o técnico de segurança dela, mas eu acho a comunidade eles deveriam... Nós temos o posto ali, mas aquele posto que funciona ali é nosso, é da comunidade, que foi feito através do Governo do Estado na época, que

era para fazer um trabalho de carpintaria com a comunidade. Então, aquele prédio é do Governo lá, que nós já mandamos reformar. Tem umas meninas da prefeitura que trabalham, que é pela prefeitura, uma enfermeira, uma agente da malária que trabalha ali, mas, diz que eles tem uma parceria lá com a coisa lá, com a Prefeitura. Então, eu acho assim, que por pouco do apoio que dão deveria ter muito mais. Eu acho que a empresa, a EDP, ela tinha mais...

P/1 – Você acha que vai se perder um conhecimento aqui da região?

R – Vai. Vai porque essa beira de rio aqui nossa não vai existir, vai existir para dentro, mas aqui não vai existir. Porque o quê, a andiroba, o pracaxi, planta medicinal de remédio como a sucuba, vai ter bem pouco, não vai ter muita comida para os peixes, então vai ter um impacto diretamente.

P/1 – A cooperativa vai ter que sair de lugar?

R – Vai, essa parte aqui vai; agora a na fábrica não, porque lá eles falaram que não vai atingir.

P/1 – Elisabete, se você tivesse que fazer alguma coisa diferente do que você já fez até hoje na sua vida você mudaria alguma coisa?

R – Eu não posso nem dizer que eu mudaria, porque muitas coisas que eu gostaria de mudar eu não tenho estudo para mudar. Mas se eu tivesse mais um conhecimento eu tenho certeza que eu mudaria mais, para melhor. Mas, através de não ter a condição, o conhecimento... Hoje eu vejo, quando eu entrei na frente da cooperativa, hoje eu vejo diferente, o que a gente passou, o que a gente sofreu por a gente ser sócio dessa cooperativa e trabalhar em prol dessa cooperativa, a gente sofreu muito. Hoje, se eu tivesse o entendimento que tenho hoje, por mais que eu não tenho sabedoria, leitura, estudo, mas eu faria um pouquinho diferente, porque o que aconteceu no passado foi coisas boas também, mas a maioria não foi, a gente sofreu muito. Então, eu acho que eu não, não posso dizer que eu faria diferente, mas eu podia melhorar muito mais ainda.

P/1 – Ô Beth, você tem vontade de sair daqui da comunidade, mudar desse lugar?

R – Não tenho vontade de sair daqui para ir morar em outro lugar. Assim, até hoje não me deu... Eu já andei, assim, eu já fui através da Natura, do nosso trabalho aí, ela sempre chama a gente para participar de cursos, das negociação, traz curso para cá, oficinas, leva a gente para lá, mas por onde eu já andei, assim, eu achei bom ter conhecido, até gostaria de ter conhecido, mas morar nesses lugar, não. Não achei assim nenhuma coisa para que fosse melhor do que, assim, a minha comunidade. Até mesmo a comunidade de onde está sendo a hidrelétrica ali, eu não... eu gosto de ir lá assim, sempre ver os amigos, participar de alguns eventos que têm lá, religioso, mas só que morar lá mesmo não, ali na própria cachoeira, porque lá é muito mais peão do que aqui, eu acho muito mais difícil o acesso até da mata pelas serras. E o que está hoje acontecendo aqui é que vai ficar mais serra, mais abaixo vai...

P/1 – Ô Beth, qual que é o seu sonho hoje?

R – Sonho, assim? Sonho como? Deixa eu ver...

P/1 – Você tem algum sonho, grande sonho, pequeno sonho?

R – Ah, eu tenho, um grande sonho. Eu tenho um grande sonho de ver essa comunidade crescer, essa cooperativa nunca acabar, crescer mais ainda, porque foi através dela que a gente conseguiu hoje, que esse fundo Natura a gente tem bolsa dos alunos que estudam, só que não é uma bolsa dada de qualquer jeito, porque senão não sairia do que está hoje em dia. Mas, a gente já tem aluno se formando, terminando de se formar com essas bolsas. Então, o meu sonho hoje é de ver essa comunidade crescer e que eu ainda pudesse morar numa casa melhorada, com todos os direitos que a gente tem, pelo fato de a gente preservar uma grande reserva que tem aqui dentro, porque se nós não morasse, não existisse hoje aqui, nessa ponta aqui não existia quase nada aí para dentro porque o pessoal já tentaram invadir várias e várias vezes aqui e a gente até hoje preservou aqui. Vem dos meus avós, meus pais, e hoje eu estou nessa idade e a preservação que ainda hoje tem aqui. Então, o meu maior sonho é esse, de ver um dia, o que eu sofri, o que eu passei para trás, o meu maior sonho hoje em dia eu já realizei um pouco, de ver o que está acontecendo hoje, meus filhos e os filhos dos meus vizinhos estudando. Meu maior sonho é ver isso aqui melhorado e ter uma casa mais digna para gente morar, assim, melhorada pelo recurso que a gente dá para o, para as autoridades. Elege, aí, uns políticos, muitos aí, e a gente não vê nada acontecer. Então, só através do nosso trabalho a gente consegue, embora vivendo dentro de uma política que a gente vive hoje, todo canto é...

P/1 – Querida te agradecer Beth. Uma pena que foi tão rápido.

FINAL DA ENTREVISTA